

TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques. Dança e Artes visuais: possíveis diálogos em um processo criativo. Natal: UFRN; professor adjunto.

RESUMO

A pesquisa investiga um processo de criação em dança contemporânea. Discute uma interlocução entre a dança e as artes visuais por meio da apreciação de pinturas do artista potiguar Dorian Gray Caldas e a transposição das imagens apreciadas para o trabalho coreográfico em elaboração. O processo é desenvolvido na Gaya Dança Contemporânea, projeto de extensão do Departamento de Artes da UFRN. Partindo da proposta triangular de Ana Mae Barbosa que integra o apreciar, o fazer e o compreender arte e respaldados em Laban e Pina Bausch, selecionamos 16 pinturas sobre o mar (produzidas pelo artista entre 1974-2013). As imagens foram apresentadas ao grupo para que pudessem apreciá-las e para que subsidiasse a construção das partituras de movimento. Também trabalhamos com estímulos concedidos pelas palavras “mar” e “onda” para fomentar a configuração dos movimentos dançados. O vocabulário criado vem emergindo durante o processo criativo e revela os processos de subjetivação implicados na criação. Cada dançarino anuncia um sentido ao que cria. Invoca uma razão que entrelaça o seu mundo de experiências e as experiências do outro, o mundo vivido e expresso na pintura de Dorian Gray e dos integrantes da Gaya.

Palavras-chave: Processo Criativo. Dança Contemporânea. Artes Visuais

ABSTRACT

The research investigates the process of creation in contemporary dance. Discusses the dialogue between dance and the visual arts through appreciation of paintings by the potiguar artist Dorian Gray Caldas and the transposition the images assessed for choreographic work in progress. The process is developed in Gaya Contemporary Dance, extension project of the Department of Arts UFRN. Based on the proposed triangular of Ana Mae Barbosa that integrates enjoying, making and understanding art and supported at Laban, and Pina Bausch selected 16 paintings of the sea (produced by the artist between 1974 to 2013). The images were presented to the group so they could examine them and to subsidize the construction of scores of motion. We also work with incentives granted by the words "sea" and "wave" to foster the setting movements danced. The vocabulary created has emerged during the creative process and reveals the processes of subjectivity involved in the creation. Each dancer advertises a sense of what creates. Invokes a reason that intertwines their world of experiences and the experiences of others, the world lived and expressed in the painting of Dorian Gray and members of the Gaya.

KEYWORDS: Creative Process. Contemporary Dance. Visual Arts

Este texto traz um refletir de uma pesquisa em andamento que teve início em 2012 na Gaya Dança Contemporânea, companhia que constitui um

projeto de extensão universitária, do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O estudo investiga um processo de criação que parte da interlocução entre a dança e as artes visuais por meio da apreciação de pinturas do artista potiguar Dorian Gray Caldas e a transposição das imagens apreciadas para o trabalho coreográfico em elaboração.

Nesse escrito apresentamos sinteticamente a contextualização do modo como se deu a aproximação e a escolha das obras desse artista. Também apresentamos uma discussão sobre o processo de criação em si, o seu percurso e as possibilidades de construir esse diálogo.

No que se refere à definição das obras a serem estudadas, dentre o vasto universo que integra o trabalho artístico de Dorian Gray, decidimos em conversa com os dançarinos estudar as pinturas do artista que tivessem a temática do mar como referência estética. A escolha por esse tema partiu do interesse da maioria dos integrantes do grupo. Esse interesse é justificado nas falas dos dançarinos pelas memórias advindas de experiências aí vivenciadas e pela familiaridade com esse cenário que atravessa o cotidiano dos que residem no Rio Grande do Norte, um estado contornado em seu litoral pela exuberância e beleza de suas muitas praias.

Partimos então para uma entrevista com Dorian Gray para conhecermos mais sobre esse artista, a sua relação com o campo da pintura, já que desenvolve trabalhos também em tapeçaria, cerâmica, escultura, desenho, além de ser escritor. Nessa abrangente e rica produção em arte buscamos focar nosso encontro em torno das pinturas produzidas pelo artista sobre as marinas. Para a entrevista estruturamos algumas questões prévias (GIL, 1999) que versaram sobre a aproximação do autor com a pintura e os movimentos artísticos que o influenciaram, sobre quando teve início o interesse dele pela temática das marinas e como ele percebe a inserção desse tema nas suas pinturas. Também o interrogamos sobre as músicas que ele aprecia e que no seu ver tem relação com esse tema do mar. Ao longo da conversa muito pude aprender com esse homem que fala com muito entusiasmo sobre a sua vida, vida que certamente se confunde com sua arte.

No dizer de Dorian Gray ele foi vocacionado para a arte, pois desde os 10 anos de idade já pintava, mais rigorosamente o desenho. Tinha na sua família pessoas próximas que também tinham identificação com o campo da pintura como um tio, sua irmã e a própria mãe. Ele gostava de copiar imagens da natureza e retrato de pessoas, principalmente de artistas de cinema da época (década de 1940-1950). Do seu contato com o movimento da Arte

Moderna no Brasil em 1922¹ e por influencia da sua amizade com Newton Navarro aproximou-se da pintura figurativa e do abstracionismo. Navarro, renomado artista potiguar, se insere nessa estética modernista, sendo o precursor da arte moderna no Rio Grande do Norte (ARANTES FILHA, 2007).

No que se refere mais especificamente ao tema do mar, Dorian Gray nos revelou que as suas pinturas marinhas possibilitam uma reinvenção do mar. Pinta as rochas, os verdes dos morros, o mar ao longe. Não é propriamente uma praia específica que acolhe nas suas telas, mas se utiliza do material que o mar fornece como a areia, a pedra, o registro dos arrecifes para o seu criar (CALDAS, 2013). Esse modo de pintar desse artista que não se reduz a uma cópia das imagens marítimas vistas, mas as interroga com o olhar parece encontrar consonância com a pintura de Cézanne discutida na obra “O olho e o espírito” de Merleau-Ponty (2004). Cézanne queria “pintar a matéria em via de se formar, a ordem nascendo por uma organização espontânea” (p. 128). O pintor arranja o conjunto das imagens que projeta na sua tela, traz a unidade da paisagem, reunindo todas as vistas parciais, entrelaçando-as umas nas outras.

Partindo da proposta triangular de Barbosa (2010) que integra o apreciar, o fazer e o compreender arte, após a realização da entrevista foram selecionadas 16 pinturas que versam sobre o mar (produzidas entre 1974-2013) e essas imagens foram apresentadas ao grupo para que pudessem apreciá-las, observando-as detalhadamente. Solicitamos que cada dançarino escolhesse uma dessas obras com a qual mais se identificasse para subsidiar a construção das suas partituras de movimento dentro da proposta do nosso processo de criação. Paralelo a esse encaminhamento, também trabalhamos com estímulos concedidos pelas palavras “mar” e “onda”. Interrogamos os dançarinos sobre o que essas palavras significavam e pedimos que eles criassem a partir desses significados uma movimentação desenhada espacialmente pelos seus corpos. Entendemos que os movimentos configurados revelam “um ato de significação, de atribuição de sentidos” (PEDROSO, 2006, p. 280), que nesse processo remete ao universo do mar.

Seja a partir das palavras ou por meio das imagens, como é o caso dessa proposta, percebemos que os dançarinos foram incorporando qualidades presentes nesses motivos para configurarem suas partituras. Buscamos favorecer nesse e em outros trabalhos criativos já produzidos na

1 Os artistas modernos buscam novas possibilidades de expressão com o intuito de romper com os padrões antigos da arte clássica. Fazem uso de “recursos como cores vivas, figuras deformadas, cubos e cenas sem lógica”. Podemos citar o impressionismo, o cubismo, o expressionismo, o surrealismo como alguns dos principais movimentos e correntes artísticas que integram a Arte Moderna (ARTE MODERNA, s/d). Disponível em: www.suapesquisa.com/artesliteratura/artemoderna
Acesso em: abril 2013

Gaya um ambiente de acolhimento no que se refere às respostas que os dançarinos elaboram quando em exercícios de improvisação e construção das cenas em composição. Compartilhando com o que é posto em discussão por vários autores acerca da dança contemporânea, entendemos o corpo do dançarino-criador como aquele que propõe possibilidades e não se vincula a padrões dominantes que determinam modelos fixos de se fazer dança. Corpos em fluxos de transformação (KUNIFAS; INFANTE, 2012).

Nesse sentido, as respostas corporais concedidas pelos dançarinos aos exercícios que estamos propondo no decorrer dos encontros admitem a imprevisibilidade dos movimentos que irão surgir, movimentos que podem vir a ser, em oposição a movimentos predeterminados. O vocabulário criado emerge durante o processo criativo (AGUIAR, 2006) e revela os processos de subjetivação implicados na construção coreográfica. Podemos dizer que cada dançarino anuncia um sentido muito peculiar ao que cria. Invoca uma razão que entrelaça o seu mundo de experiências e as experiências do outro, que no nosso contexto, diz respeito a esse mundo vivido e expresso na pintura de Dorian Gray e dos integrantes da Gaya Dança Contemporânea.

Decorrente dessas experimentações vivenciadas ao longo dos nossos ensaios semanais, até o momento presente, foi possível construir quatro cenas que irão compor o nosso trabalho coreográfico juntamente com aquelas que ainda serão acrescentadas. Essas cenas ainda não estão organizadas em uma sequência. Reconhecemos que essa ordenação não surge de forma linear, mas se configura em arranjos e rearranjos que se modificam ao longo do processo e no decorrer do amadurecimento do trabalho artístico.

O procedimento que vimos adotando para elaborar as cenas segue geralmente o seguinte trajeto: os dançarinos exploram e montam individualmente suas sequências. Em seguida apresentam o que criaram para todo o elenco e a direção. Enquanto diretora artística desse trabalho, geralmente seleciono fragmentos das partituras apresentadas e algumas vezes descontextualizo essas sequências pedindo a um dançarino que aprenda a partitura criada por um outro componente. Assim, vou modificando as células originais, fazendo com que todos repitam uma sequência escolhida, ou justaponho fragmentos de uns para que um dançarino se aproprie e organize um novo desenho dançado. Sigo um pouco da sistemática de trabalho adotada pela coreógrafa alemã Pina Bausch que selecionava o resultado das improvisações apresentadas pelos intérpretes da sua companhia e fragmentava, descontextualizava, alternava as partes, “repetindo-as ou justapondo-as” (CALDEIRA, 2010, p. 418).

É importante destacar que nos ensaios essas escolhas são estudadas junto com os dançarinos, que opinam, sugerem o por quê de fazer de uma

maneira, o por quê de escolher um dado movimento, o que traduz o modo colaborativo de criação existente no grupo e reflete o lugar da arte de transformar uma informação (SAADI, 2007). A cada ensaio nos deparamos com atos criativos que se reinventam, que se interrogam e que oportunizam o pesquisar constante e a produção de saberes. Dessa maneira, os ensaios são espaços de construção de reflexões provisórias de conhecimentos instáveis e incertos (ARAÚJO, 2012). Há, portanto, uma produção de conhecimento que acompanha os processos de criação e que os alimenta cotidianamente.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Daniella de. Dança Contemporânea- o dançarino pode ser apto para tudo? In: MENCARELLI, Fernando (Org.) **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa em Artes Cênicas. Belo Horizonte: Ed. Fapi, 2006.

ARANTES FILHA, Elizete Vasconcelos. **Newton Navarro**: artista potiguar que virou ponte, 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/newton-navarro-artista-potiguar-que-virou-ponte> Acesso em: abril 2013

ARAÚJO, Antônio. A cena como processo de conhecimento. In: RAMOS, Luiz Fernando. **Arte e Ciência**: abismo de rosas. São Paulo: Abrace, 2012.

ARTE MODERNA. **História do Movimento Modernista, artistas do modernismo, literatura e arte modernista, Semana de Arte Moderna de 1922**, resumo. Disponível em: www.suapesquisa.com/artesliteratura/artemoderna Acesso em: abril 2013.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. 8. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2010.

CALDAS, Dorian Gray. Entrevista concedida à diretora artística do grupo (2013)

CALDEIRA, Solange Pimentel. A construção poética de Pina Bausch. In: SETENTA, Jussara Sobreira. **1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança**: catálogo. Salvador: UFBA, 2010.

Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KUNIFAS, Cinthia Bruck; INFANTE, Mônica. Movimentos de um Processo de criação coreográfica. In: PEREIRA, Antônia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Orgs.). **Cena, Corpo e Dramaturgia**: entre tradição e contemporaneidade. Rio de Janeiro; Pão e Rosas, 2012.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29 outubro 2013
UFMG - Belo Horizonte



MERLEAU-PONTY, MAURICE. O olho e o espírito: seguido de a linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

SAADI, Fátima. Dramaturgia em dança: estratégias de colaboração. In: NORA, Sigrid (org.) **Húmus**, 3. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

PEDROSO, Júnia César. A percepção do corpo cênico em Klauss Vianna e Merleau-Ponty. In: MENCARELLI, Fernando (Org.) **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa em Artes Cênicas. Belo Horizonte: Ed. Fapi, 2006.